

A EVOLUÇÃO DO SETOR DE SERVIÇOS DE PORTO ALEGRE: CONSIDERAÇÕES PERANTE A REGIÃO METROPOLITANA E AO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL NO PERÍODO 2000-2010

Diego Altafini

Economista - PUCRS

E-mail: altafini.diego@gmail.com

RESUMO

O recente processo de reestruturação das metrópoles tem evidenciado uma intensificação da dinâmica do setor terciário, a qual é acompanhada de uma desconcentração das atividades industriais dentro dos centros urbanos. Porto Alegre, sendo uma das bases produtivas do Estado, apresenta alterações profundas neste aspecto, resultando em questões que refletem novas necessidades com relação às políticas públicas e ao planejamento urbano perante as particularidades da região. O presente artigo intenta realizar uma análise de dados procurando esclarecer alguns aspectos sobre a evolução do setor de serviços da metrópole de Porto Alegre, comparando o seu desenvolvimento perante à sua Região Metropolitana (RMPA) e ao Estado do Rio Grande do Sul, para o período 2000-2010. Com isto procura-se estabelecer uma base para o estudo das atividades econômicas e funções presentes na capital gaúcha e suas implicações a estruturação do meio urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Porto Alegre, Região Metropolitana, Atividades Econômicas, Economia Urbana, Setor de Serviços.

149

THE EVOLUTION OF PORTO ALEGRE SERVICES SECTOR: CONSIDERATIONS TOWARDS THE METROPOLITAN REGION AND THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL DURING THE 2000-2010 PERIOD.

ABSTRACT

The recent reorganization process of the cities has unveiled a growth in the dynamic of the tertiary sector, which is accompanied by adiminished concentration of the industrial activities within the urban centres. Porto Alegre, as one of the productive bases of the state, features profound alterations in this aspect, resulting in issues that reflect new requirements for the public policies and the urban planning regarding the particularities of the region. This article aims to conduct a data analysis, investigating the prospects of the services sector in Porto Alegre, comparing its development before its Metropolitan Region (RMPA) and the State of Rio Grande do Sul for the 2000-2010 period. With this, it is intended to establish a source for the study of the economic activities and functions present in the State capital and its implications to the urban space's structure.

KEYWORDS: Porto Alegre, Metropolitan Area, Economic Activities, Urban Economics, Service Sector

INTRODUÇÃO:

A transformação estrutural da economia está novamente na ordem do dia, apresentando-se como um dos temas centrais nos debates acerca do desenvolvimento regional. Com a recente reestruturação produtiva das metrópoles ao entorno do setor de serviços, novas demandas acabam por se manifestar dentro destes espaços urbanos, sobretudo, em áreas como emprego, moradia e transportes, estas diretamente influenciadas pelo predomínio de uma ou outra função econômica. Porto Alegre, configurando-se no centro metropolitano e em uma das mais importantes bases produtivas do Estado do Rio Grande do Sul, apresentou profundas alterações com relação a sua função dentro da economia regional a partir da década de 1960. Tais mudanças – implicações de uma nova tendência de integração dentro do país – originaram uma composição setorial muito particular dentro da região, cujos efeitos refletem diretamente no arranjo urbano da capital gaúcha e de seu entorno. Sendo assim, o estudo da distribuição e natureza das atividades presentes nos meios urbanos é ponto fundamental a se considerar nas futuras ações de planejamento urbano e regional. A compreensão da estruturação setorial serve como base para a avaliação das políticas públicas voltadas a economia e ao espaço urbano.

No que concerne a relação entre as transformações estruturais da economia e o próprio processo de evolução dos meios urbanos, pode-se dizer que ela é muito próxima. Isto se deve ao fato de que o urbano nada mais é que uma personificação material do sistema econômico vigente reproduzindo, em termos espaciais, suas atividades predominantes. Conforme refere Fochezato (2010, p.160), as economias regionais, de maneira geral, apresentam seu desenvolvimento inicial a partir de atividades primárias ligadas ao campo. Tais atividades, estabelece Lefèbvre (2003, p.11), serão controladas e organizadas através de uma cidade política, o primeiro foco de urbanidade. O uso do solo por estas cidades será predominantemente agrícola e o excedente produzido nos campos será – em sua totalidade – destinado ao consumo do centro urbano. Ao passo que a produção cresce, forma-se dentro da cidade um espaço propício as trocas comerciais que, gradualmente, assumem uma proeminência dentro do espaço urbano.

A cidade mercantil, para Lefèbvre (2003, p.11), surge como um passo mais próximo à urbanização moderna e, embora esteja ainda associada à produção agrícola, traz consigo uma “imagem de cidade”, concebendo um ideário de que é no urbano onde estão as oportunidades de emprego, os capitais e, principalmente, os mercados. Lefèbvre (2003, p.13) afirma que é este ideário, bem como a abundância de mão-de-obra por ele criado, que levará a indústria, antes localizada próximo as fontes de energia e matérias primas, para a urbe.

Fochezato (2010, p.160) reitera que o gradual crescimento deste setor industrial irá, posteriormente, ser responsável pela ampliação do setor terciário, o qual se encarregará da produção de serviços voltados, tanto a crescente população de trabalhadores urbanos, quanto a indústria que os emprega. A emergência deste setor de serviços promove um crescimento do tecido urbano para além das fronteiras da cidade criando assim novos focos de urbanidade ao entorno da consolidada metrópole. A sociedade urbana advinda da metropolização resulta no que Lefèbvre (2003, p.15) define como “zona crítica”, onde a concentração urbana periférica cresce exponencialmente, ligada as atividades de produção industrial e comércio, ao passo que a metrópole dedica-se, sobretudo, a produção de serviços.

Esta dinâmica de desenvolvimento econômico e urbano será dependente da demanda doméstica por produtos e da inovação na tecnologia de produção, a qual permitirá maiores níveis de produtividade. De acordo com Fochezato (2010, p.160), o desenvolvimento de cada um dos setores pode variar em intensidade e abrangência. Deste modo, cada momento exibirá atividades em expansão e em declínio, onde a consequência será uma constante alteração na importância relativa dos setores. Contudo, Fochezato (2010, p.160) conclui que, à medida em que há o desenvolvimento da economia, a magnitude destas transformações tende a diminuir, o que resulta em uma estrutura produtiva mais estável e dedicada a um dos três setores.

151

Embora se afirme que as estruturas produtivas setoriais sejam, após certo tempo, estáveis, isto não quer dizer que elas sejam estáticas. Em realidade, apesar de não serem verificadas grandes mudanças nas funções setoriais consolidadas como predominantes, permanece, após a estabilidade, uma tendência ao seu aprofundamento. Isto ocorre ao passo que a economia sofre influências externas, decorrentes da condição ou da evolução do capitalismo mundial. Harvey (1990, p.173-179) define que esta evolução em direção a um “novo capitalismo” denominado de paradigma pós-industrial, baseado na acumulação flexível¹, é um processo que, desde os anos 1970, tem se reproduzido globalmente. Neste aspecto, as redes informacionais consistem em um componente fundamental para sua difusão. Castells (1999, p.50-54), ressalta que tal revolução na tecnologia de informação foi de crucial importância na reestruturação do antigo sistema capitalista de lógica fordista, baseado na ampliação de sua produção industrial, em um sistema de caráter informacional.

¹Harvey (1990, p.173-188) conceitua a acumulação flexível como parte do processo de reestruturação do sistema capitalista na pós-modernidade. O capitalismo, anteriormente orientado ao crescimento e baseado na produção fordista centrada nos países desenvolvidos quebra as barreiras do local. Sendo assim, as firmas agora são capazes de operar sua produção em uma escala global. Dentro deste pós-industrialismo, há uma exportação do modelo fordista às nações em desenvolvimento, na busca por novos mercados e matérias primas, além de uma mão-de-obra mais barata. Aliado a este movimento global, está a diminuição das barreiras dentro dos sistemas financeiros destes países, de forma a possibilitar a livre movimentação de capitais.

Enquanto esse velho industrialismo é voltado, em sua essência, ao crescimento econômico por meio da produção, isto é, a maximização da reprodução material, o informacionalismo busca o desenvolvimento econômico por meio da ampliação do conhecimento. Assim sendo, há uma especial dedicação ao aumento da produtividade e da eficiência dos processos, ao invés de tão-somente a magnitude da reprodução material.

Fochezato (2010, p.161-163) reitera que é esta transformação na produtividade, advinda das novas tecnologias informacionais, que irá ampliar a participação do setor de serviços em comparação aos outros setores – o aprofundando – algo já observável na economia brasileira.

Em termos de composição setorial, a tendência predominante tem sido a redução relativa das atividades ligadas à agricultura e à indústria e um aumento relativo das atividades ligadas ao setor serviços. De uma forma muito sintética, pode-se dizer que o Brasil passou de uma economia agroexportadora para uma industrial a partir da década de 30 e dessa para uma economia de serviços a partir da década de 80. Em termos de distribuição espacial da produção, a maior mobilidade espacial, provocada pelo novo paradigma tecnológico, juntamente com o aumento das demandas interna e externa, tem ocasionado um processo de desconcentração espacial da atividade econômica. (FOCHEZATO 2010, p.163).

Porto Alegre, quanto a esse aspecto, segue as tendências brasileiras no que diz respeito a evolução econômica, consolidando seu setor de serviços como predominante já década de 1980. Todavia, em relação a capital gaúcha, permanecem em discussão alguns pontos relevantes. O primeiro se refere às condições que proporcionaram a consolidação do setor de serviços durante o século XX. Discute-se se o processo de transição funcional não teria tido seu início já na década de 1960, fruto de uma conjuntura de integração econômica interna, onde o processo de globalização nos anos 1970 e 1980 cumpriu apenas o papel de aprofundar um fenômeno já antes observável. O segundo ponto, igualmente relevante, se refere a continuidade da predominância porto-alegrense no setor de serviços durante o século XXI, com relação a sua própria região. O terceiro setor, neste caso, se sobreporia ao setor industrial da capital, sendo isto consequência do aprofundamento da dinâmica de “desconcentração concentrada”² do setor industrial brasileiro, proposta por Azzoni (1986) esta, explorada com ênfase para a metrópole de Porto Alegre, por Alonso e Bandeira (1988).

Postos tais pontos de discussão, o artigo busca explorá-los ao realizar uma análise da recente evolução do setor de serviços da metrópole de Porto Alegre, comparando seu

² O conceito de “desconcentração concentrada” concebido por Azzoni no ano de 1985, propõe a existência de uma “reversão na polarização” das atividades econômicas brasileiras, em especial da indústria, originando assim uma mudança em sua localização espacial. Antes situadas, sobretudo, nas capitais dos Estados, tais atividades tenderiam a se deslocar espacialmente em direção as novas regiões metropolitanas, as quais apresentam melhores custos locais, assim ampliando seu campo aglomerativo a partir de melhorias nos sistemas de transporte e comunicação. O caso de São Paulo, examinado por Azzoni (1986) incentivou a análise deste fenômeno em outras capitais e regiões metropolitanas do país, a exemplo da de Porto Alegre, concretizada através do trabalho de Alonso e Bandeira (1988).

desenvolvimento perante a Região Metropolitana (RMPA) e a totalidade do Estado do Rio Grande do Sul, no período 2000-2010. Além disso, busca-se estudar aspectos da trajetória e da recente composição setorial apresentada na capital gaúcha e na RMPA, procurando evidenciar novas transformações ou mesmo o aprofundamento funcional dentro do espaço urbano. Para fins de realização destes grupos de análise, serão utilizadas bases de dados provenientes do Cadastro Nacional de Empresas (CNE)³, que compreendem as informações sobre o número de empresas por setor e de novas empresas fundadas por ano, com a intenção de observar a composição intra-setorial. Utilizar-se-á também, dados de valor adicionado bruto a preços correntes para o setor industrial e de serviços, oriundos da Fundação de Economia e Estatística (FEE), com a finalidade de determinar a participação de cada município da RMPA dentro da economia regional. A análise conjunta destes dados permitirá estabelecer não só um panorama evolutivo das atividades de serviços na capital gaúcha, mas também compreender aspectos de sua atual organização e contribuição à economia da região e do Estado.

O PERÍODO 1960 – 2000: A METROPOLIZAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO DO TERCEIRO SETOR EM PORTO ALEGRE

O momento compreendido durante a segunda metade do século XX trouxe consigo um amplo conjunto de transformações sociais e econômicas dentro do sistema capitalista mundial. Enquanto autores como Harvey (1990) e Castells (1999) ainda permanecem, na contemporaneidade, engajados na discussão acadêmica e filosófica sobre a transcendência ou não da modernidade em pós-modernidade, países periféricos como o Brasil já demonstram há várias décadas, em sua dinâmica econômica, uma franca incorporação desta reestruturação internacional. Embora, conforme assume Harvey (1990, p.173), o início deste processo em âmbito global ocorra ao transcurrir da década de 1970, o Brasil, desde meados da década anterior exibe um processo de integração⁴ das economias regionais, a nível nacional, análogo àquele de integração dos mercados que viria a acontecer mundialmente.

³O CNE tem as suas empresas elencadas de acordo com as normas da Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE) do IBGE. Elas estabelecem uma organização hierárquica com a finalidade de agrupar as atividades produtivas, partindo da mais agregada (seção) à menos agregada (subclasse). Neste artigo, utilizar-se-á apenas a seção, isto é, os 21 grupamentos de primeiro nível, subdivididos em Agricultura (A), Indústria (B e C) e Serviços (D até U), conforme apresentados nas tabelas 6, 7 e 8. Entretanto, reconhece-se que alguns dos segmentos de atividades inclusos na macro seção de Serviços – em especial os grupamentos D até F – podem apresentar classes e subclasses com características de outro setor.

⁴ O processo de integração é conceituado por Carlos Brandão (2007) como uma parte integrante da dinâmica de homogeneização, isto é, da desestruturação das fronteiras territoriais na busca da ampliação do espaço propício a valorização do capital e a melhoria nas suas condições de reprodução. Neste aspecto, Brandão define que a integração

A segunda metade da década de 1960 compreende um dos períodos de expansão da estrutura industrial brasileira, motivada pela Era de Ouro do capitalismo mundial após a segunda grande guerra, bem como, por conta dos investimentos estatais realizados pelo governo militar. Tais fatores, conduziram a, além do próprio crescimento do setor, uma reorganização da distribuição espacial da indústria. Cabe ressaltar que, desde o início do desenvolvimento industrial do país, essa distribuição tem exibido um caráter desigual. As firmas industriais, de modo geral, acabaram por se localizar próximas ou dentro dos grandes centros urbanos – e exportadores – da nação, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Castro (1977, p.174) ressalta, contudo, que os novos ramos industriais, baseados na tecnologia, buscaram se instalar, sobretudo, no eixo Rio-São Paulo, os centros econômicos mais desenvolvidos da nação. Ao mesmo tempo, há por parte do governo militar, um gradual incentivo à industrialização em regiões antes consideradas periféricas, no norte e nordeste, buscando diminuir as disparidades regionais. Desta forma, centros secundários no país, como Porto Alegre, mesmo integrados ao mercado nacional, são relegados a um ostracismo no que diz respeito a incentivos a novos investimentos industriais.

Targa (1988) explora isto como uma das causas da crise econômica⁵ do Estado do Rio Grande do Sul durante a década de 1960. De acordo com Targa (1988, p.147) a integração econômica com o resto da nação eliminou o tipo de acumulação existente no Estado, dependente quase que exclusivamente da supremacia em seu mercado regional e da exportação de bens primários. A indústria gaúcha, baseada na produção de bens não-duráveis e de maquinário agrícola, se viu incapaz de concorrer com a mais eficiente produção do centro do país – especialmente de São Paulo – mesmo em seu mercado regional. Portanto, Porto Alegre, sendo a base industrial do Estado, sustentou um importante declínio no que diz respeito a sua participação nacional e regional neste setor. A necessidade de retomar o processo de acumulação fez com que se acelerasse a transição em direção a um espaço urbano com um núcleo de atividades mais dinâmico.

A materialização desta transição apontada por Targa (1988)⁶ é observada no meio urbano, sobretudo, a partir da década de 1970, período que marca o início do fenômeno de metropolização.

constitui-se em um longo, contraditório, heterogêneo e conflituoso processo no qual os espaços regionais vão se inserindo no contexto regional, a partir daqueles onde prevalecem as formas superiores de acumulação e reprodução. O processo de integração, deste modo, seria, em realidade, “desintegrativo” pois, ao passo em que valoriza o capital, também desintegra os ambientes já construídos e o capital neles presente.

⁵ Targa (1988 p.155) aponta a crise na agricultura de exportação do trigo, a crise na agricultura colonial e a expansão de outras regiões agrícolas do país como as demais causas da crise econômica gaúcha.

⁶ O ponto explorado por Targa (1988) é a mudança no mercado para a produção da indústria de transformação gaúcha, que, devido às necessidades cambiais do Governo Federal, passa a exportar para o mercado mundial (FEE, 1976). Entretanto, dentro de Porto Alegre, a transição em direção ao terceiro setor acaba por se sobrepor às transformações da indústria, conforme aponta Alonso (2001).

Alonso (2008a, p.5) reflete que, nesta época, Porto Alegre começa a exibir as condições ideais para a formação de uma aglomeração metropolitana. Configurando-se como um ponto de centralidade dentro de uma área de recente conurbação, bem como, mostrando uma grande intensidade nos fluxos de pessoas – pendulares ou não – de mercadorias e de informações, a capital gaúcha assume o *status quo* de metrópole⁷ perante os demais espaços urbanos da região. Carrion (1997, p.198) ressalta que, ao passo que a metrópole de Porto Alegre torna-se responsável pelo atendimento das demandas das cidades periféricas, cresce também em importância o seu setor de serviços, cuja participação no total da renda interna da RMPA aumenta. Seu setor industrial, contudo, permanece estagnado, por conta dos efeitos da crise. Alonso e Bandeira (1988) analisam as décadas de 1970 e 1980 atestando, em termos estatísticos a evolução de tal processo. Evidencia-se que, à medida que a participação da indústria na renda total da região permanece relativamente estável em Porto Alegre, ela cresce em todo o restante da RMPA e do Estado, um efeito advindo do processo de “desconcentração concentrada” da indústria gaúcha. O setor de serviços, por sua vez, embora se amplie em todas as sub-regiões⁸ da aglomeração metropolitana, exibe um aumento bem mais significativo em Porto Alegre, conforme exposto nas tabelas abaixo.

Tabela 1 – Participação percentual dos setores na renda interna de Porto Alegre, do resto da Região Metropolitana, do Interior e do Estado - 1970

Discriminação	Agricultura	Indústria	Comércio	Demais Serviços	Total dos Serviços	Renda Interna
Porto Alegre.....	0,14	21,88	27,00	50,96	77,96	100,00
Resto da RMPA...	3,19	49,98	14,22	32,59	46,82	100,00
Sub Região 1.....	14,69	19,56	15,93	49,80	65,73	100,00
Sub Região 2.....	0,62	57,88	14,56	26,92	41,48	100,00
Sub Região 3.....	0,99	51,12	13,59	34,28	47,87	100,00
Sub Região 4.....	13,78	45,87	11,22	29,10	40,33	100,00
Total da RMPA....	1,14	31,12	22,80	44,92	67,72	100,00
Interior	32,50	15,02	17,05	35,40	52,46	100,00
Total do Estado....	20,92	20,97	19,18	38,92	58,10	100,00

Fonte: Alonso e Bandeira (1988, p.22)

⁷Existe uma série de entendimentos para o termo “metrópole”. Entretanto, assim como em Alonso (2008a), o que interessa para a compreensão dos aspectos envolvidos nesta análise é o significado adotado no urbanismo, em que metrópole é a principal cidade, exercendo influência funcional, econômica e social sobre as cidades menores de um determinado território.

⁸Alonso e Bandeira (1988, p.12) dividem a RMPA em quatro sub-regiões de acordo com suas similaridades e características dentro da aglomeração regional. São compostas pelos seguintes municípios: Sub-Região 1 – Alvorada, Cachoeirinha, Gravataí e Viamão; Sub-Região 2 – Canoas, Esteio e Sapucaia do Sul; Sub-Região 3 – São Leopoldo, Novo Hamburgo, Estância Velha, Campo Bom e Sapiranga; Sub-Região 4 – Guaíba.

Tabela 2 – Participação percentual dos setores na renda interna de Porto Alegre, do resto da Região Metropolitana, do Interior e do Estado - 1980

Discriminação	Agricultura	Indústria	Comércio	Demais Serviços	Total dos Serviços	Renda Interna
Porto Alegre.....	0,13	21,62	18,01	60,23	78,24	100,00
Resto da RMPA...	1,63	49,36	10,96	38,03	48,99	100,00
Sub Região 1.....	4,38	31,51	9,23	54,86	64,10	100,00
Sub Região 2.....	0,35	48,50	14,93	36,20	51,14	100,00
Sub Região 3.....	0,75	57,19	8,95	33,09	42,05	100,00
Sub Região 4.....	5,85	61,74	5,58	26,82	32,40	100,00
Total da RMPA...	0,76	33,33	15,03	50,85	65,89	100,00
Interior	25,93	22,50	12,97	38,58	51,56	100,00
Total do Estado...	16,31	26,64	13,76	43,27	57,04	100,00

Fonte: Alonso e Bandeira (1988, p.22)

Conforme apresentado nas tabelas 1 e 2, Alonso e Bandeira (1988 p.16) referem que, durante as décadas de 1970 e 1980, as participações das sub-regiões no comércio e nos demais serviços presentes na RMPA, são bastante inferiores aquelas apresentadas na capital, algo que pode ser notado, especialmente, quando a base de comparação é a estrutura da renda do Interior do Estado. Isto demonstra que mesmo os segmentos mais simples do setor de serviços de Porto Alegre acabam por atender a um número expressivo de consumidores nas localidades próximas, que deslocam-se a capital para realizar suas compras. Uma evidência adicional que mostra que o comércio e o setor de serviços localizado na capital gaúcha possuem uma área de abrangência muito além de suas fronteiras municipais está disposta nas tabelas 3 e 4. Estas, estabelecem uma comparação entre as médias da Capital, do restante da Região Metropolitana e do Interior do Estado, com a média total do Rio Grande do Sul, no que diz respeito à relação entre as rendas do comércio e dos demais serviços e o número de habitantes de cada região.

156

Tabela 3 – Comparação da renda "per capita" do comércio e dos demais serviços em Porto Alegre, na Região Metropolitana e no Interior com a média do Estado - 1970

Discriminação	Comércio	Demais Serviços
Porto Alegre.....	2,627	2,443
Resto da RMPA.....	0,929	1,049
Sub Região 1.....	0,451	0,694
Sub Região 2.....	1,241	1,131
Sub Região 3.....	1,073	1,334
Sub Região 4.....	0,678	0,867
Total da RMPA.	1,911	1,855
Interior	0,728	0,744
Total do Estado.....	1,000	1,000

Fonte: Alonso e Bandeira (1988, p.25)

Tabela 4 – Comparação da renda "per capita" do comércio e dos demais serviços em Porto Alegre, na Região Metropolitana e no Interior com a média do Estado - 1980

Discriminação	Comércio	Demais Serviços
Porto Alegre.....	1,996	2,122
Resto da RMPA.....	0,903	0,996
Sub Região 1.....	0,428	0,809
Sub Região 2.....	1,408	1,085
Sub Região 3.....	0,965	1,135
Sub Região 4.....	0,593	0,907
Total da RMPA.	1,454	1,564
Interior	0,817	0,772
Total do Estado.....	1,000	1,000

Fonte: Alonso e Bandeira (1988, p.25)

As tabelas 3 e 4, representam a renda *per capita* no conjunto do terceiro setor. Observa-se que tanto para os anos 1970, quanto para o ano de 1980, os valores, para Porto Alegre, superam em muito a média exibida pelo Estado. Alonso e Bandeira (1988, p.15) refletem que isto referenda a tendência à especialização da capital nas atividades do terceiro setor, algo já apontado dentro das tabelas 1 e 2. Além disso, quando analisadas as médias

[...] referentes ao Interior e a algumas das sub-regiões da Região Metropolitana — mais notadamente, a Sub-Região 1, constituída por Alvorada, Cachoeirinha, Gravataí e Viamão, e a Sub-Região 4, composta por Guaíba — [essas] mostram-se bem inferiores. Mesmo que se possa atribuir uma parte dessas diferenças a maior poder aquisitivo dos consumidores da Capital, deve-se assinalar que o seu elevado valor absoluto é um indicativo seguro de que uma parte do mercado dessas áreas é atendida pelas atividades terciárias localizadas em Porto Alegre. (ALONSO E BANDEIRA, 1988, p. 16)

A despeito das notáveis transformações estruturais nas atividades econômicas de Porto Alegre durante as décadas que se seguiram ao início da crise no Estado, isto não significou sua completa superação por parte da metrópole, que continuou a refletir muitas das dificuldades enfrentadas pelo Rio Grande do Sul. Do ponto de vista conjuntural, a segunda metade década de 1970 e os anos de 1980, na economia estadual, foram caracterizados por períodos curtos de expansão, imersos em uma longa estagnação e por vezes recessão econômica. Neste aspecto, pode-se atribuir muito do declínio do Rio Grande do Sul, bem como das atividades econômicas em seus centros urbanos, a uma contaminação pelos desequilíbrios macroeconômicos exibidos em âmbito nacional. Não é de se surpreender, então, que tal característica mimética no que diz respeito às condições econômicas se mantivesse no decorrer da década de 1990 – especialmente em sua primeira metade – na qual o Estado não exibiu grandes distinções quanto ao desempenho apresentado no contexto do país.

Alonso (2001, p.254) aponta que o crescimento do Produto Interno do Rio Grande do Sul (1,92%, em média, ao ano) rigorosamente acompanhou aquele apresentado pela nação (1,85% ao ano) durante o período que compreende a primeira metade dos anos 1990. Era o início do processo de recuperação da crise macroeconômica que perdurou durante os anos de 1980, um resultado alcançado como decorrência de uma política de liberalização comercial, desregulamentação dos mercados financeiros e desmonte do Estado, acompanhando as tendências pós-modernas da economia mundial. Os resultados positivos no PIB apresentados pelo Rio Grande do Sul no início da década, todavia, não se mantiveram a partir da segunda metade dos anos 1990, momento em que as restrições monetárias da política de estabilização econômica de fizeram mais duramente sentir na economia gaúcha⁹. Por conta desta ação tomada pela União, o Rio Grande do Sul se viu, inevitavelmente, imerso em mais um adverso período de estagnação.

A inabilidade de auferir crescimento econômico se refletiu no aumento dos níveis de desemprego em todo o Estado, algo que teve impactos mais fortes dentro de Porto Alegre e de sua Região Metropolitana. Conforme exposto por Alonso (2001, p.255), as taxas médias anuais de desemprego dentro da RMPA, em queda no período compreendido entre 1993 a 1995 (respectivamente de 12,2% para 10,7%), registraram uma drástica inflexão a partir do ano de 1996 (que apresentou taxa 13,1%), até atingirem seu pico, durante o ano de 1999 (19,0%). Alonso (2001, p.255-256) estabelece que tal fenômeno no emprego ocorre pois é na RMPA onde se desenvolvem as atividades mais modernas, bem como, esta região exibe uma maior aglomeração populacional, mantendo um vínculo mais estreito não só com o restante da nação, mas com o Exterior. É natural, portanto, que a RMPA receba os primeiros impactos das transformações impostas pelos países centrais¹⁰, no que diz respeito às novas tendências econômicas mundiais. A seguir, a tabela 5, demonstra as mudanças no decorrer da década. Apesar de compreender apenas dois períodos, assim não revelando as tendências, é possível estabelecer alguns aspectos sobre a predominância das atividades econômicas em cada um dos municípios da RMPA

⁹Alonso (2001 p.254) ressalta que o Programa de Estabilização (Plano Real), ao se utilizar da âncora cambial e de uma política monetária restritiva ao crescimento econômico, acabou por desarticular alguns segmentos importantes da economia nacional. A taxa de câmbio sobrevalorizada afetou de forma desfavorável, em especial, o Rio Grande do Sul, assaz dependente das exportações agrícolas e da indústria calçadista.

¹⁰ Cabe reiterar que a década de 1990 consistiu em um período de expansão do neoliberalismo em âmbito mundial. O Brasil, buscando recuperar a credibilidade perdida durante a crise da década de 1980, se submeteu a tais novas ideologias – promulgadas pelo Consenso de Washington – as adotando dentro da condução de sua política macroeconômica, agora voltada a liberalização dos mercados, e abrindo a economia nacional ao capital estrangeiro através das ações de privatização das empresas estatais.

Tabela 5 – Participação percentual relativa, total e setorial, do Valor Adicionado da RMPA e dos municípios no total do Estado — 1990 e 1998

Municípios	Agricultura		Indústria		Comércio		Demais Serviços		Total – Serviços	
	1990	1998	1990	1998	1990	1998	1990	1998	1990	1998
Porto Alegre.....	0,79	0,10	9,49	8,28	27,10	30,15	17,14	16,92	19,62	19,48
RMPA 1										
Araricá	-	0,01	-	0,04	-	0,01	-	0,04	-	0,03
Campo Bom	0,01	0,01	1,90	1,67	0,31	0,52	0,79	0,68	0,67	0,65
Dois Irmãos	0,24	0,27	0,57	0,86	0,13	0,18	0,29	0,34	0,25	0,31
Estância Velha.....	0,01	0,02	0,91	0,67	0,14	0,21	0,48	0,38	0,39	0,35
Ivoti	0,10	0,13	0,44	0,87	0,19	0,33	0,25	0,26	0,24	0,28
Nova Hartz	0,02	0,02	0,32	0,49	0,02	0,02	0,11	0,16	0,09	0,13
Novo Hamburgo...	0,08	0,07	4,42	3,53	3,22	2,48	3,05	2,79	3,09	2,73
Parobé	0,02	0,03	1,05	1,95	0,07	0,35	0,35	0,53	0,28	0,49
Portão	0,11	0,04	0,49	0,67	0,07	0,10	0,32	0,28	0,26	0,24
São Leopoldo	0,03	0,01	2,64	1,72	1,46	1,39	1,66	1,7	1,61	1,64
Sapiranga	0,02	0,04	1,54	1,30	0,26	0,29	0,73	0,68	0,61	0,6
Taquara	0,10	0,15	0,35	0,28	0,44	0,31	0,41	0,47	0,42	0,44
RMPA 2										
Alvorada	0,01	0,01	0,16	0,16	0,30	0,48	0,94	1,12	0,78	1,00
Cachoeirinha	0,01	0,01	1,11	1,36	0,93	1,23	0,89	1,00	0,9	1,04
Canoas	0,07	0,01	10,47	8,87	6,29	6,83	3,62	3,30	4,29	3,99
Charqueadas	0,03	0,07	0,46	0,52	0,14	0,13	0,38	0,27	0,32	0,24
Eldorado do Sul....	0,14	0,15	1,15	1,13	0,12	0,22	0,29	0,32	0,25	0,3
Esteio	0,01	0,00	1,44	1,55	3,19	2,53	0,86	0,85	1,44	1,17
Glorinha	0,13	0,09	0,01	0,01	0,01	0,01	0,04	0,05	0,03	0,04
Gravataí	0,19	0,09	2,44	2,51	0,68	0,75	2,01	1,92	1,68	1,69
Guaíba	0,15	0,27	1,17	2,21	0,42	0,45	0,87	0,86	0,76	0,78
Montenegro	1,24	0,78	0,93	0,96	0,46	0,54	0,7	0,67	0,64	0,65
Nova Santa Rita ...	-	0,09	-	0,3	-	0,04	-	0,14	-	0,12
São Jerônimo	0,35	0,15	0,04	0,03	0,10	0,14	0,22	0,16	0,19	0,15
Sapucaia do Sul....	0,01	0,00	1,83	2,03	0,59	0,36	1,07	1,03	0,95	0,9
Triunfo	0,25	0,28	5,66	4,61	0,07	0,06	1,03	0,71	0,79	0,59
Viamão	0,87	0,70	0,14	0,20	0,40	0,33	0,93	1,44	0,8	1,23
Total da RMPA	4,97	3,59	51,11	48,77	47,10	50,44	39,44	39,09	41,35	41,29

Fonte: Elaborado a partir de Alonso (2001, p.272-273)

Embora a RMPA concentre ainda grande parte do Produto do Estado, sobretudo, no que se refere as atividades urbanas (Indústria e Serviços), Alonso (2001, p.256) reflete que os anos 1990 apresentaram uma queda na participação da região na totalidade do PIB estadual. A diminuição mais expressiva dentro da região está no setor industrial. Enquanto no ano de 1990 o total da RMPA compreendia mais da metade do PIB do Estado neste setor, em 1998 o total perfazia 48,77%, um declínio de 2,34 p.p.. Com relação a tal queda, pode-se evidenciar que grande parte é oriunda da diminuição de participação dos parques industriais mais representativos da RMPA – Porto Alegre e Canoas – e do Vale dos Sinos. No que diz respeito aos serviços, observa-se uma manutenção em

seu total setorial, sobretudo, devido à ampliação das atividades de comércio em Porto Alegre, algo que compensou a queda verificada no conjunto dos demais serviços.

A época que compreende dos anos 1960 aos anos 2000, para o Rio Grande do Sul, se caracterizou pelas instabilidades e pelos desequilíbrios na economia regional, outrora, decorrentes da integração econômica e, mais recentemente, resultantes de um desequilíbrio a nível nacional. Entretanto, o período também foi marcado pela transição funcional de Porto Alegre, que pode ser associada a uma tentativa de retomar o processo de acumulação e desenvolvimento, prejudicado pela crise. A passagem ao novo milênio, após o turbulento ajuste econômico nacional, se traduziu em uma nova tendência, no que diz respeito à evolução do espaço urbano porto-alegrense e de suas atividades.

O PERÍODO 2000-2010 E OS NOVOS PARADIGMAS DO SETOR DE SERVIÇOS:

Embora a duras penas, o exitoso processo de estabilização inflacionária no decorrer dos anos 1990 permitiu que, no novo milênio, o Brasil direcionasse suas atenções à retomada do desenvolvimento social e econômico em âmbito nacional. Com relação a tal aspecto, as políticas públicas, antes orientadas a um ajuste conjuntural, sofreram uma transição em seu escopo, voltando-se agora ao incentivo das atividades econômicas predominantes na nação. Entretanto, a preocupação com sua efetividade *versus* a quantidade de recursos dispendida em sua aplicação, ainda permanece como foco central dentro da administração pública.

Sartori (1997), todavia, estabelece que nas políticas públicas, em especial as voltadas ao desenvolvimento, seu resultado em termos de melhorias – o *outcome* – tem mais importância que o volume de recursos dispendido ou a produção material resultante de tais investimentos. Reitera Sartori (1997) que para realizar a avaliação da efetividade de tais políticas, deve tomar como base as melhorias reais obtidas, em relação àquelas condições pré-existentes antes da aplicação da política, não apenas centrando-se na dicotomia gasto-retorno. Em que pese este método de análise, faz-se necessário estabelecer uma base para a mensuração da eficiência das políticas empreendidas. Apenas conhecendo o passado recente e a situação atual das atividades econômicas será possível compreender os impactos das novas ações em prol de seu desenvolvimento.

O setor de serviços, durante o primeiro quarto dos anos 2000, demonstrou uma grande ampliação em sua participação relativa dentro da economia brasileira, desempenho este que se deve em grande parte à influência do processo de globalização. A quebra das fronteiras relativas a provisão de serviços – resultado das inovações tecnológicas digitais – permitiu ao país aumentar sua

participação também no mercado internacional. Os resultados para o Brasil neste setor são dignos de nota. O número de firmas atuantes no setor de serviços cresceu, no período compreendido entre 1999 e 2003, na base de 42%, ao passo que o pessoal ocupado dentro do setor, cresceu 28%¹¹ (SILVA, DE NIGRI E KUBOTA, 2006 p.16-18). Esta tendência de crescimento verificada no cenário nacional não se configura dissimilar daquela exibida por Porto Alegre, conforme pode ser visualizado na tabela a seguir.

Tabela 6 – Número de novas firmas segundo ano de fundação em Porto Alegre - 2001-2010

Discriminação	2001 -2005	2006 - 2010	Δ Absoluta	Δ%
A – Agricultura.....	32	33	1	3,13
B - Indústrias extrativas.....	4	6	2	50,00
C - Indústrias de transformação.....	754	1262	508	67,37
D - Eletricidade e gás.....	17	27	10	58,82
E - Água, esgoto, e demais atividades.....	17	37	20	117,65
F – Construção.....	646	1336	690	106,81
G – Comércio.....	6037	9018	2981	49,38
H - Transporte, armazenagem e correio....	693	1081	388	55,99
I - Alojamento e alimentação.....	861	1622	761	88,39
J - Informação e comunicação.....	998	1648	650	65,13
K - Atividades financeiras e serviços.....	511	844	333	65,17
L - Atividades imobiliárias e serviços.....	226	490	264	116,81
M -Atividades profissionais e técnicas.....	1935	2894	959	49,56
N - Atividades administrativas e serviços..	4236	3568	-668	-15,77
O - Administração pública.....	7	21	14	200,00
P – Educação.....	263	795	532	202,28
Q - Saúde humana e serviços sociais.....	788	977	189	23,98
R - Artes, cultura, esporte e recreação.....	310	520	210	67,74
S - Outras atividades de serviços.....	977	1534	557	57,01
T - Serviços domésticos.....	0	0	0	-
U - Organismos internacionais.....	1	0	-1	-
Total Indústria (B - C).....	758	1268	510	67,28
Total Serviços (D – U).....	18523	26412	7889	42,59

Fonte: IBGE – Cadastro Nacional de Empresas (s.d.)

A capital gaúcha exibiu, para o período de 2001 a 2010, no que se refere a fundação de firmas pertencentes ao setor de serviços, um crescimento total de 42,59%. Apesar da ampliação ser percentualmente menor que os 67,28% apresentados pelo total do setor industrial (B-C), a variação absoluta na totalidade de novas empresas no segmento de serviços (D-U) é muito mais ampla, com múltiplos grupos de atividades superando o resultado absoluto verificado para a indústria. Neste aspecto, destaca-se a criação novas empresas no segmento de informação e comunicação (J),

¹¹Ver: Silva, De Nigri e Kubota, 2006, p.16, tabela 1.

beneficiadas pela expansão dos mercados de telefonia, tecnologia de informação e internet. É necessário ressaltar também o segmento da educação (P), que além de um significativo aumento absoluto, alcançou o maior crescimento percentual dentre todos os grupos de atividades. A expansão deste segmento é reflexo da maior abrangência e expansão ensino superior privado no decorrer da década. Além destes, é importante observar o grande número de novas empresas de serviços relacionados ao setor imobiliário. A quantidade de novas firmas, tanto no segmento de construção (F), quanto de atividades imobiliárias (L), mais que dobra de um período a outro, o que atesta uma grande expansão destes mercados durante o período, bem como reflete uma ampla demanda por serviços de habitação. O comércio, apesar de exibir elevado crescimento absoluto no número de novas firmas, apresenta uma variação percentual relativamente pequena, perante os demais setores. Dentre todos os segmentos do setor de serviços, o único que apresenta queda na fundação de novas firmas é o de atividades administrativas (N), decaindo 15,77%, no período analisado. Isto pode ser interpretado como um indício da saturação deste segmento na capital gaúcha. A tabela 7 apresenta evidências adicionais deste fenômeno, bem como permite uma melhor visualização da distribuição das atividades em Porto Alegre.

Tabela 7 – Número de empresas em Porto Alegre de acordo com o ramo de atuação - 2006-2010

Discriminação	2006	2007	2008	2009	2010	Δ Absoluta	Δ %
A – Agricultura.....	246	223	208	201	199	-47	-19,11
B - Indústrias extrativas.....	33	30	32	23	28	-5	-15,15
C - Indústrias de transformação.....	4.404	4.356	4.410	4.335	4.386	-18	-0,41
D - Eletricidade e gás.....	40	49	37	54	52	12	30,00
E - Água, esgoto, e demais atividades.....	64	63	77	68	85	21	32,81
F – Construção.....	2.850	2.948	3.219	3.267	3.639	789	27,68
G – Comércio.....	27.472	27.755	28.119	27.191	28.643	1.171	4,26
H - Transporte, armazenagem e correio....	2.636	2.778	2.940	3.161	3.006	370	14,04
I - Alojamento e alimentação.....	4.063	4.234	4.361	4.331	4.397	334	8,22
J - Informação e comunicação.....	3.483	3.518	3.705	3.658	3.845	362	10,39
K - Atividades financeiras e serviços.....	1.767	1.909	2.134	2.134	2.302	535	30,28
L - Atividades imobiliárias e serviços.....	1.040	1.097	1.207	1.232	1.417	377	36,25
M -Atividades profissionais e técnicas.....	6.260	6.668	7.149	7.304	7.832	1.572	25,11
N - Atividades administrativas e serviços.	13.486	13.914	14.283	14.804	15.393	1.907	14,14
O - Administração pública.....	56	53	69	67	69	13	23,21
P – Educação.....	1.129	1.186	1.350	1.547	1.731	602	53,32
Q - Saúde humana e serviços sociais.....	2.571	2.762	2.900	2.873	3.010	439	17,08
R - Artes, cultura, esporte e recreação.....	1.183	1.202	1.244	1.300	1.325	142	12,00
S - Outras atividades de serviços.....	5.391	5.390	5.456	6.050	5.483	92	1,71
T - Serviços domésticos.....	-	-	-	-	-	-	-
U - Organismos internacionais.....	7	7	8	10	9	2	28,57
Total Indústria (B – C).....	4.437	4.386	4.442	4.358	4.414	-23	-0,52
Total Serviços (D – U).....	73.498	75.533	78.258	79.051	82.238	8.740	11,89

Fonte: IBGE – Cadastro Nacional de Empresas (s.d.)

Os dados referentes ao número total de empresas em cada um dos segmentos de Porto Alegre, clarificam certas características de sua estrutura setorial. É possível observar que, ao passo que o setor de serviços (D-U) apresenta um grande crescimento absoluto no total de empresas atuantes, o agregado da indústria (B-C) demonstra ligeiro declínio, o que atesta a estagnação do setor dentro de Porto Alegre. Tal fato, consiste em um indício que reitera a validade das conclusões de Alonso e Bandeira (1988) ainda na contemporaneidade. A indústria continua sua dinâmica, perdendo participação relativa dentro do espaço urbano porto-alegrense, que assume o papel de centro de serviços da RMPA, o que pode ser interpretado como um efeito da dinâmica de “desconcentração concentrada” apontada por Alonso e Bandeira (1988). Com relação aos segmentos, embora seu crescimento absoluto seja menor que os demais, a educação (P), apresenta novamente um maior incremento percentual dentre todas as atividades, reforçando a tendência à expansão. Apesar da diminuição na fundação de novas firmas, exposta na tabela 6, as atividades

administrativas (N), demonstram elevado crescimento absoluto no número total de empresas. Cabe ressaltar que este segmento é o segundo mais amplo, estando atrás apenas do comércio (G). Apesar do dado não comprovar integralmente a saturação do segmento, quando analisado juntamente a participação percentual do número de empresas no total da RMPA e do Estado, as evidências tornam-se assaz reveladoras.

Tabela 8 – Participação Percentual do número de empresas por ramo de atuação de Porto Alegre no total da RMPA

Discriminação	2006	2007	2008	2009	2010	Δ p.p.
A – Agricultura.....	48,62	46,75	45,12	44,27	42,80	-5,82
B - Indústrias extrativas.....	9,32	9,32	9,50	7,01	8,26	-1,06
C - Indústrias de transformação.....	24,11	23,67	23,83	23,49	22,89	-1,22
D - Eletricidade e gás.....	81,63	87,50	82,22	90,00	89,66	8,02
E - Água, esgoto, e demais atividades.....	28,96	26,36	28,41	24,82	27,16	-1,80
F – Construção.....	51,32	51,31	51,45	49,91	48,01	-3,32
G – Comércio.....	40,88	40,79	40,86	40,24	41,01	0,12
H - Transporte, armazenagem e correio.....	38,18	38,84	39,19	40,08	37,43	-0,75
I - Alojamento e alimentação.....	48,09	48,66	48,82	48,54	47,87	-0,23
J - Informação e comunicação.....	65,61	65,48	65,22	66,30	66,57	0,96
K - Atividades financeiras e serviços.....	64,87	65,85	68,01	67,55	67,67	2,80
L - Atividades imobiliárias e serviços.....	66,37	65,41	65,00	64,57	64,79	-1,58
M -Atividades profissionais e técnicas.....	69,63	69,48	69,35	68,42	68,47	-1,16
N - Atividades administrativas e serviços..	72,83	73,32	72,00	72,73	72,78	-0,05
O - Administração pública.....	44,09	42,74	46,62	43,23	39,88	-4,21
P – Educação.....	47,08	47,10	49,00	49,24	50,70	3,62
Q - Saúde humana e serviços sociais.....	67,44	67,78	67,30	66,00	65,84	-1,61
R - Artes, cultura, esporte e recreação.....	53,87	52,56	53,90	54,85	53,91	0,03
S - Outras atividades de serviços.....	52,96	52,32	53,43	54,94	51,20	-1,77
T - Serviços domésticos.....	-	-	-	-	-	-
U - Organismos internacionais.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	0,00
Total Indústria (B –C).....	23,83	23,43	23,57	23,20	22,63	-1,20
Total Serviços (D – U).....	50,97	51,12	51,35	51,36	51,30	0,33

Fonte: IBGE – Cadastro Nacional de Empresas (s.d.)

Tabela 9 – Participação Percentual do número de empresas por ramo de atuação de Porto Alegre no total do Estado do Rio Grande do Sul

Discriminação	2006	2007	2008	2009	2010	Δ p.p.
A – Agricultura.....	10,62	9,89	8,96	8,70	8,31	-2,31
B - Indústrias extrativas.....	2,78	2,68	2,96	2,16	2,60	-0,18
C - Indústrias de transformação.....	8,98	8,81	8,86	8,66	8,46	-0,52
D - Eletricidade e gás.....	40,40	42,98	33,64	39,42	34,67	-5,74
E - Água, esgoto, e demais atividades.....	11,15	10,29	11,27	9,43	10,75	-0,40
F – Construção.....	26,11	25,66	25,75	23,71	22,11	-4,00
G – Comércio.....	14,37	14,44	14,60	14,10	14,52	0,15
H - Transporte, armazenagem e correio.....	13,40	13,71	13,99	14,19	12,78	-0,63
I - Alojamento e alimentação.....	17,02	17,28	17,50	17,09	16,78	-0,25
J - Informação e comunicação.....	41,04	40,86	41,63	41,57	41,73	0,69
K - Atividades financeiras e serviços.....	38,04	39,80	42,71	41,66	42,43	4,38
L - Atividades imobiliárias e serviços.....	39,79	38,86	38,18	36,31	36,20	-3,58
M -Atividades profissionais e técnicas.....	42,51	42,36	42,56	40,85	40,42	-2,09
N - Atividades administrativas e serviços..	45,18	44,86	44,36	44,11	43,59	-1,59
O - Administração pública.....	6,36	5,96	6,80	5,97	5,26	-1,10
P – Educação.....	18,24	18,22	20,45	19,81	20,27	2,02
Q - Saúde humana e serviços sociais.....	31,53	31,68	31,76	30,21	29,70	-1,83
R - Artes, cultura, esporte e recreação.....	17,82	17,77	18,09	18,23	17,78	-0,04
S - Outras atividades de serviços.....	18,07	17,88	18,15	19,12	16,89	-1,19
T - Serviços domésticos.....	-	-	-	-	-	-
U - Organismos internacionais.....	70,00	58,33	57,14	62,50	52,94	17,06
Total Indústria (B - C).....	8,83	8,67	8,74	8,52	8,34	-0,49
Total Serviços (D – U).....	20,51	20,68	21,06	20,75	20,69	0,17

Fonte: IBGE – Cadastro Nacional de Empresas (s.d.)

Porto Alegre em 2010, conforme exposto nas tabelas 8 e 9, apresenta 72,78% do total de empresas pertencentes ao segmento de atividades administrativas (N) dentro da RMPA e corresponde a 43,59%, do total do Estado para este grupo de atividades. Embora o segmento incorra em ligeiro declínio de 2006 para 2010, o alto percentual de participação indica sua concentração na capital, onde atende a boa parte da demanda existente na RMPA e mesmo no Estado. Da mesma forma, isso demonstra a existência de pouco espaço para uma ampliação significativa desse segmento. Analisando a evolução do período, contudo, é possível observar uma perda de participação de Porto Alegre, dentro da totalidade de firmas dentro da RMPA e também do Estado, uma evidência inicial de que outras regiões, sobretudo, da própria aglomeração metropolitana, acabam alcançando maior crescimento, atraindo um maior número de empresas que Porto Alegre. Isso é especialmente visível na totalidade do setor industrial (B-C) e no segmento de construção (F), que apresentam grandes decréscimos. Deve-se ressaltar, entretanto, que os serviços especializados (J-N), apesar de exibirem quedas percentuais, ainda são predominantemente concentrados em Porto

ALTAFINI, D. A evolução do setor de serviços de Porto Alegre: considerações perante a Região Metropolitana e ao Estado do Rio Grande do Sul no período 2000-2010. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 25, p. 149-172, ago. 2015.

Alegre. Constata-se o maior crescimento dos outros municípios perante a capital, através do valor adicionado bruto.

Tabela 10 – Participação percentual dos Municípios da RMPA no Valor Adicionado Bruto total do Setor Industrial da Região – 2000 a 2010.

Municípios	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Δ p.p.
Alvorada.....	0,64	0,59	0,60	0,60	0,59	0,66	0,72	0,73	0,76	0,84	0,90	0,26
Araricá.....	0,07	0,04	0,05	0,06	0,06	0,06	0,07	0,06	0,06	0,08	0,08	0,00
Arroio dos Ratos.....	0,07	0,07	0,07	0,09	0,11	0,13	0,13	0,13	0,08	0,07	0,05	-0,02
Cachoeirinha.....	2,73	2,61	2,59	2,78	2,96	2,84	2,70	2,72	2,44	2,92	3,05	0,32
Campo Bom.....	3,22	3,20	3,11	2,82	2,81	2,48	2,34	2,04	1,81	1,73	1,81	-1,40
Canoas.....	17,85	18,82	15,04	16,36	15,82	16,63	16,34	17,27	22,29	21,89	20,59	2,74
Capela de Santana.....	0,11	0,11	0,10	0,12	0,10	0,07	0,06	0,05	0,04	0,04	0,04	-0,07
Charqueadas.....	1,31	1,21	1,30	1,53	2,40	2,85	2,44	2,52	1,70	1,51	1,75	0,45
Dois Irmãos.....	1,39	1,51	1,55	1,35	1,27	1,00	0,90	0,79	0,73	0,82	0,83	-0,55
Eldorado do Sul.....	1,84	1,74	1,69	1,74	1,66	1,88	2,29	1,22	0,58	0,66	0,58	-1,26
Estância Velha.....	1,37	1,44	1,49	1,49	1,18	1,01	0,93	0,81	0,90	0,83	0,95	-0,42
Esteio.....	2,22	2,17	2,34	2,43	2,07	1,91	1,82	1,66	1,45	1,50	1,54	-0,68
Glorinha.....	0,03	0,05	0,07	0,09	0,19	0,24	0,29	0,42	0,33	0,33	0,37	0,34
Gravataí.....	5,48	7,91	8,32	8,01	8,54	8,76	9,08	10,95	9,86	11,39	10,39	4,92
Guafba.....	1,84	1,71	1,98	1,84	1,73	2,92	3,59	3,52	3,07	3,87	3,69	1,85
Ivoti.....	1,24	0,81	0,68	0,65	0,58	0,59	0,48	0,45	0,52	0,47	0,48	-0,76
Montenegro.....	1,76	2,09	2,73	2,63	2,43	2,48	2,17	2,08	2,36	2,45	2,52	0,76
Nova Hartz.....	0,78	0,77	0,76	0,65	0,57	0,54	0,59	0,59	0,56	0,64	0,67	-0,12
Nova Santa Rita.....	0,53	0,47	0,49	0,48	0,43	0,36	0,38	0,38	0,43	0,46	0,48	-0,05
Novo Hamburgo.....	6,53	6,18	6,37	5,96	5,66	5,26	5,12	4,77	4,14	4,02	4,02	-2,51
Parobé.....	1,83	1,74	1,54	1,17	1,04	0,99	0,86	0,81	0,65	0,67	0,69	-1,14
Portão.....	1,71	2,15	2,34	1,98	1,96	1,41	1,30	1,35	1,04	1,11	1,01	-0,70
Porto Alegre.....	19,20	18,83	18,44	17,57	17,28	17,52	18,01	18,16	17,99	16,99	17,65	-1,55
Santo Antônio da Patrulha	0,39	0,43	0,50	0,44	0,39	0,42	0,42	0,49	0,57	0,54	0,53	0,14
São Jerônimo.....	0,10	0,11	0,13	0,14	0,15	0,17	0,21	0,25	0,21	0,23	0,23	0,13
São Leopoldo.....	3,27	3,14	3,18	3,40	3,39	3,35	3,44	3,57	3,61	3,54	3,85	0,58
Sapiranga.....	2,32	2,29	2,40	2,08	1,92	1,59	1,55	1,54	1,52	1,68	1,66	-0,67
Sapucaia do Sul.....	3,68	3,36	3,48	3,56	3,71	3,47	3,23	3,09	2,75	2,92	3,05	-0,63
Taquara.....	0,50	0,50	0,45	0,41	0,39	0,41	0,40	0,40	0,36	0,38	0,45	-0,04
Triunfo.....	14,89	12,73	14,74	16,07	17,14	16,45	16,53	15,60	15,91	13,86	14,45	-0,43
Viamão.....	1,10	1,21	1,44	1,51	1,46	1,55	1,65	1,60	1,29	1,57	1,62	0,52
TOTAL RMPA.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	-

Fonte: Feedados (s.d).

Tabela 11 – Participação percentual dos Municípios da RMPA no Valor Adicionado Bruto Total do Setor de Serviços da Região – 2000 a 2010.

Municípios	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Δ p.p.
Alvorada.....	1,51	1,62	1,65	1,64	1,60	1,57	1,57	1,54	1,58	1,64	1,70	0,19
Araricá.....	0,04	0,04	0,04	0,05	0,05	0,05	0,05	0,05	0,05	0,06	0,05	0,01
Arroio dos Ratos.....	0,14	0,14	0,14	0,15	0,15	0,15	0,15	0,15	0,14	0,13	0,14	0,00
Cachoeirinha.....	2,10	2,31	2,47	2,68	2,79	2,77	2,75	2,90	3,07	2,76	2,90	0,79
Campo Bom.....	1,32	1,37	1,29	1,24	1,29	1,34	1,23	1,19	1,16	1,20	1,21	-0,11
Canoas.....	10,46	10,75	11,22	12,27	12,16	11,86	12,63	12,76	15,27	15,33	14,39	3,93
Capela de Santana.....	0,11	0,11	0,10	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,10	0,11	0,11	0,00
Charqueadas.....	0,47	0,45	0,41	0,45	0,51	0,61	0,54	0,54	0,47	0,46	0,51	0,05
Dois Irmãos.....	0,46	0,49	0,51	0,52	0,51	0,52	0,52	0,51	0,49	0,51	0,56	0,09
Eldorado do Sul.....	0,46	0,46	0,47	0,45	0,46	0,50	0,53	0,48	0,64	0,68	0,68	0,21
Estância Velha.....	0,60	0,62	0,63	0,65	0,64	0,62	0,63	0,60	0,61	0,62	0,67	0,07
Esteio.....	2,60	2,57	2,57	2,58	2,49	2,46	2,64	2,67	2,78	2,92	2,73	0,13
Glorinha.....	0,06	0,06	0,06	0,06	0,08	0,08	0,09	0,10	0,10	0,10	0,11	0,05
Gravataí.....	3,08	3,30	3,18	3,23	3,33	3,52	3,65	3,90	3,73	3,92	4,03	0,94
Guafba.....	1,20	1,18	1,18	1,21	1,24	1,28	1,31	1,26	1,20	1,29	1,34	0,14
Ivoti.....	0,47	0,41	0,40	0,40	0,41	0,39	0,40	0,39	0,38	0,37	0,39	-0,09
Montenegro.....	1,02	1,08	1,14	1,15	1,12	1,16	1,18	1,17	1,15	1,13	1,14	0,12
Nova Hartz.....	0,23	0,23	0,21	0,21	0,20	0,21	0,21	0,21	0,21	0,22	0,25	0,02
Nova Santa Rita.....	0,21	0,21	0,21	0,22	0,22	0,23	0,26	0,26	0,32	0,38	0,54	0,33
Novo Hamburgo.....	5,48	5,74	5,99	5,99	6,51	5,68	5,50	5,20	4,92	4,94	4,98	-0,50
Parobé.....	0,67	0,64	0,60	0,58	0,57	0,57	0,56	0,55	0,51	0,55	0,58	-0,09
Portão.....	0,47	0,52	0,51	0,51	0,52	0,50	0,46	0,47	0,44	0,46	0,48	0,01
Porto Alegre.....	54,78	53,83	53,52	51,78	51,10	51,72	51,11	51,35	49,01	48,52	48,13	-6,65
Santo Antônio da Patrulha	0,42	0,42	0,41	0,44	0,43	0,42	0,42	0,43	0,44	0,46	0,49	0,07
São Jerônimo.....	0,29	0,29	0,26	0,28	0,28	0,29	0,31	0,27	0,27	0,28	0,30	0,00
São Leopoldo.....	4,02	3,94	3,72	3,72	3,63	3,61	3,57	3,55	3,57	3,77	3,87	-0,15
Sapiranga.....	1,08	1,09	1,05	1,08	1,11	1,10	1,09	1,06	1,05	1,07	1,11	0,03
Sapucaia do Sul.....	1,66	1,68	1,59	1,61	1,61	1,63	1,59	1,57	1,52	1,55	1,68	0,02
Taquara.....	0,78	0,80	0,76	0,76	0,76	0,75	0,74	0,73	0,72	0,76	0,82	0,04
Triunfo.....	1,72	1,48	1,54	1,70	1,88	2,06	1,98	1,88	1,91	1,63	1,90	0,17
Viamão.....	2,09	2,18	2,17	2,28	2,25	2,23	2,21	2,15	2,19	2,19	2,23	0,15
TOTAL RMPA.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	-

Fonte: Feedados (s.d).

Os dados referentes ao valor adicionado bruto (VAB), descritos nas tabelas 10 e 11, para os setores da indústria e dos serviços, respectivamente, permitem melhor demonstrar a participação de cada um dos municípios dentro da produção regional e também, esclarecer aspectos da composição setorial de uma região. Quando analisados para a totalidade da RMPA, tais dados revelam um quadro de declínio do município de Porto Alegre, com relação a sua participação percentual dentro do valor total da produção de sua área metropolitana. Isto é, pode-se dizer que a capital vem perdendo representatividade, na última década perante aos demais municípios da região, no que diz respeito a hegemonia de seus setores produtivos.

No que concerne ao setor industrial, a capital gaúcha mantém a liderança na participação percentual do VAB até o ano de 2008, quando é ultrapassada pela cidade de Canoas. A partir deste período, este município apresenta a maior participação de toda a RMPA, perfazendo, em 2010, 20,59% do total do VAB, um crescimento de 3,93 p.p. na década. Cabe ressaltar que, salvo Canoas, todos os outros municípios do Vale dos Sinos apresentam ou declínio ou estabilidade em sua participação percentual na indústria¹², situação esta que não se repete nos municípios da região de Porto Alegre. Os municípios de Cachoeirinha, Gravataí, Alvorada e Viamão, apresentam ampliação na participação dentro do setor industrial, mais uma vez, reiterando os pressupostos estabelecidos por Alonso e Bandeira (1988).

169

O setor de serviços, por sua vez, demonstra um quadro ainda mais desfavorável para Porto Alegre ao longo da década. Apesar do centro metropolitano manter-se como hegemônico no que diz respeito a participação no VAB do setor dentro da RMPA, correspondendo, em 2010 a 48,13% do total, há uma acentuada tendência ao declínio, com uma queda acumulada de 6,65 p.p. no período analisado. Afora a capital, os municípios que têm as mais expressivas contribuições para o VAB do setor de serviços pertencem às microrregiões de Porto Alegre e do Vale dos Sinos. Destacam-se Alvorada, Cachoeirinha, Esteio, Gravataí e Viamão, além do município de Canoas que, embora somados representem somente 27,97% do total, exibem crescimento em sua participação percentual no VAB. Conjuntamente, tais cidades correspondem a um aumento de 6,14 p.p., sendo a cidade de Canoas responsável por mais da metade – 3,93 p.p. – desta variação. Em relação a tais aumentos, pode-se evidenciar que o crescimento do VAB do setor de serviços nestes municípios é um indício de seu desenvolvimento em direção à independência econômica da cidade de Porto Alegre, ao menos no que diz respeito à provisão de serviços menos especializados e ao segmento comércio, conforme já evidenciado pela tabela 7.

¹² Pode-se atribuir esse declínio à falência da indústria calçadista da região que, conforme aponta Calandro (2010), vem encolhendo no que diz respeito à participação no setor industrial gaúcho ao longo da década.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da evolução das atividades econômicas presentes em Porto Alegre evidenciou uma relativa dependência da capital gaúcha em relação a conjuntura nacional e regional, no que diz respeito ao desenvolvimento de suas atividades. A crise da década de 1960, consistiu em circunstância para a transição de uma Porto Alegre predominantemente industrial, ainda, contudo, guardando laços com o setor agrícola do interior, para uma metrópole voltada à produção de serviços. Tal dinâmica aprofunda-se durante as décadas de 1970 e 1980, em decorrência da acelerada metropolização da região e do processo de globalização. A década de 1990, por seu turno, foi marcada por políticas de ajuste na economia nacional, prejudiciais às economias estaduais, sobretudo, àquelas de caráter agroexportador, como a gaúcha. Neste período de declínio, especialmente dos setores industriais, o setor de serviços, em especial o comércio, foi o responsável pela manutenção da participação da capital gaúcha na totalidade do VAB da Região Metropolitana. A retomada do processo de desenvolvimento nacional só foi possível a partir dos anos 2000, por meio da estabilização inflacionária, resultante do êxito do Plano Real. No entanto, quando observa-se a dinâmica setorial do Estado do Rio Grande do Sul, e da Região Metropolitana de Porto Alegre, evidencia-se que as atividades econômicas têm se desenvolvido de maneira acentuada nos centros secundários, refletindo um aprofundamento da dinâmica de “desconcentração concentrada” conforme apontam Azzoni (1986) e Alonso e Bandeira (1988). Porto Alegre, portanto, vem diminuindo sua participação, antes hegemônica, dentro do setor industrial gaúcho e, mais recentemente, exibe também um significativo declínio na sua participação dentro do próprio setor de serviços, no total do Estado.

Analisando de modo mais aprofundado os dados das atividades de serviços, subdivididos em agrupamentos funcionais, evidencia-se que, embora em sua totalidade o setor de serviços demonstre um declínio em Porto Alegre, este se deve a uma perda de participação em atividades de menor complexidade, como as de transporte, construção e serviços imobiliários. A importância de tal decréscimo, torna-se mais perceptível quando compara-se o dado ao restante da RMPA, que apresenta um relativo aumento de participação nestas atividades. Como contraponto a tal dinâmica, as atividades de maior complexidade, relacionadas aos serviços financeiros e à tecnologia da informação, apresentam significativo crescimento dentro da capital gaúcha, sendo responsáveis pela manutenção do papel hegemônico de Porto Alegre no que diz respeito aos serviços. Deste modo, as diminuições verificadas na participação percentual no número de empresas e na

participação do VAB do setor de serviços, devem ser analisadas de modo não generalizado e com grande cautela, sendo elusivas a um olhar generalista.

Embora em curto prazo tal queda não se manifeste como uma grande dificuldade a economia porto-alegrense, ainda predominante e hegemônica regionalmente na provisão de grande parte dos serviços, em longo prazo, o gradual aumento da concorrência dos centros secundários, no que diz respeito às atividades de serviços com menor complexidade, pode trazer desequilíbrios com relação aos níveis de emprego e renda da capital. Isto se deve ao fato de que, esta tende a concentrar em maior grau os serviços de alta complexidade, em geral não intensivos em mão-de-obra. Como implicação, a população empregada nos setores de menor complexidade, tende a deslocar-se aos municípios periféricos na busca de emprego, algo que pode vir a ocasionar problemas de ordem estrutural dentro do meio urbano porto-alegrense, em especial, no que concerne os sistemas de transporte. É importante, destarte, que as políticas públicas visando incentivar o desenvolvimento das atividades econômicas levem em consideração, na sua concepção, estes novos paradigmas setoriais vigentes dentro da metrópole de Porto Alegre.

REFERÊNCIAS

ALONSO, José Antônio Fialho. **Gênese e institucionalização da região metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2008a, Textos para discussão FEE, nº 29.

ALONSO, José Antônio Fialho. **A economia dos serviços na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA): uma primeira leitura**. Estudo da dinâmica das atividades Terciárias na RMPA. FEE, 2008b

ALONSO, José Antônio Fialho. Caracterização econômica da Região Metropolitana de Porto Alegre nos anos 90. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 253-293, 2001. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/1298/1666%20Acesso%20em:%20Jan.%202015>>. Acesso em: Jan. 2015

ALONSO, José Antônio Fialho; BANDEIRA, Pedro Silveira. A “**Desindustrialização**” de Porto Alegre: causas e perspectivas. FEE, 1988.

AZZONI, Carlos Roberto. **Indústria e reversão da polarização no Brasil**. Instituto de Pesquisa Econômica, 1986.

BRANDÃO, Carlos. **Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. v. 1. 157p.

CALANDRO, Maria Lucrécia. Crise global agrava situação de calçadistas gaúchos. **Carta de Conjuntura FEE**, Ano 19 nº 03, 2010.

CARRION, Otília Beatriz Kroeff. Dinâmica recente do Setor Terciário em face da reestruturação produtiva das metrópoles. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 197-206, 1997. Disponível em:

<<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/783/1045.%20Acesso%20em:%20dez.%202014>>. Acesso em: dez. 2014.. Acesso em: dez. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6ª Edição. v.1, São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Antônio Barros de. **7 Ensaios Sobre a Economia Brasileira**. Volume 1. 3ª Edição. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977

FOCHEZATO, Adelar. **Desenvolvimento regional**: recomendações para novos paradigmas produtivos. FEE, 2010, Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/3-decadas/downloads/volume1/5/adelar-fochezatto.pdf>>. Acesso em: Dez., 2014.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Feedados**. 2014. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/feedados>>. Acesso em: Dez 2014.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Análise da indústria de transformação do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. In: **25 Anos de Economia Gaúcha**, v. 4, 1976

HARVEY, David. **The Condition of Postmodernity**: an enquiry into the origins of cultural change, Oxford, Blackwell, 1990

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2011. **Sistema IBGE de Recuperação Eletrônica (SIDRA)**: cadastro central de empresas. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>> Acesso em: abr. 2014.

LEFÈBVRE, Henri. **The Urban Revolution**. Minnesota, University of Minnesota Press, 2003.

SARTORI, Giovanni. **A Política - Lógica e Método Nas Ciências Sociais**. UNB, 1997

SILVA, Alexandre Messa; DE NEGRI, João Alberto; KUBOTA, Luis Claudio. **Estrutura e Dinâmica do Setor de Serviços no Brasil**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2006, Capítulo 1. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/>. Acesso em: Jan, 2015

TARGA, Luiz Roberto Pecotis. O processo de integração do mercado interno brasileiro: eliminação das particularidades econômicas e sociais do Rio Grande do Sul. **Ensaios FEE**, Porto Alegre n.9 v.2, 1988. P. 147-158.

Recebido em: 30/04/2015
Aceito em: 11/06/2015